

SESSÕES DO PLENÁRIO

56ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 23 de agosto de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADA Dra. FABÍOLA MANSUR (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Boa tarde a todas e a todos.

Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem aos 220 anos da Revolta dos Búzios, Caminhos da Igualdade, proposta por esta deputada que vos fala.

Enquanto o nosso companheiro Zulu dá sua entrevista, agradeço a presença de todos vocês e convido para compor esta ilustre e histórica Mesa as seguintes personalidades: Il.^{ma} Sr.^a Secretária de Promoção da Igualdade Racial, a querida Fabya Reis, neste ato representando o governador Rui Costa; a Il.^{ma} Sr.^a Secretária de Políticas para as Mulheres, a querida Julieta Palmeira; o Il.^{mo} Sr. Diretor da Fundação Pedro Calmon, coordenador da Comissão sobre os 220 anos da Revolta dos Búzios, arquiteto e urbanista Zulu Araújo; o Sr. Presidente do Olodum e um dos que vêm rememorando e exaltando os nossos heróis desde os seus primórdios, nosso mais antigo na Mesa, o nosso mais velho, querido João Jorge; e a Sr.^a Subcoordenadora Especializada em Proteção e Direitos Humanos, Eva Rodrigues, representando neste ato o defensor público-geral, Clériston Cavalcante de Macêdo.

Neste momento, convido a todos para se colocarem em posição de respeito para ouvirmos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Convido a todos para assistirem a um vídeo para iniciarmos esta sessão histórica, que ficará nos Anais desta Assembleia Legislativa. Destaco que esta sessão está sendo transmitida ao vivo para toda a Bahia, dada a sua importância, compondo a série de eventos que foram organizados pela comissão dos 220 anos da Revolta dos Búzios, presidida pelo nosso amigo Zulu Araújo. Esses eventos se iniciaram no dia 5 de agosto, com o ensaio do Olodum, e têm nas Secretarias de Promoção da Igualdade e de Políticas para As Mulheres inúmeras atividades, que não dá nem para a gente começar a citar aqui.

Tivemos no dia 13 o lançamento, na Sala Walter da Silveira, do documentário de Antônio Olavo *1798: Revolta dos Búzios*; a abertura no dia 20, na Biblioteca Central, da exposição Revolta dos Búzios, com uma série fotográfica superinteressante, que vai até 1º de setembro; amanhã teremos o lançamento do livro do escritor Florisvaldo Matos, reeditado pela Assembleia Legislativa.

Enfim, estão de parabéns todas as pessoas que participaram da organização desses atos que exaltam a memória dos nossos heróis baianos. Heróis que agora todos nós conheceremos um pouco mais, assim como aqueles que nos assistem pela *TV Assembleia*.

(Procede-se à apresentação musical e do vídeo.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Perguntava aqui a João Jorge a autoria desse vídeo, pois vi o próprio João Jorge editando fotografias. Então, parabéns João Jorge!

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Neste momento, vamos fazer uma pequena fala. Faremos isso daqui mesmo, porque, devido ao período que vivemos, não temos a presença de nenhum outro deputado estadual; estamos vivendo a correria que vocês devem imaginar. Mas isso não tira o brilho e a representatividade desta Mesa e a importância de realizarmos esta sessão especial.

Certamente, se algum aluno, se alguma pessoa vier a ler os Anais da Assembleia Legislativa, estará lá uma sessão que deu visibilidade aos nossos heróis baianos, negros que já em 1798 lutavam pela igualdade, pela justiça social, contra o racismo, pela liberdade de ideias, contra a escravidão, e que por isso foram considerados os primeiros deputados baianos.

É bom que a gente lembre o refrão da música que inicia o documentário de Antônio Olavo: “Revolta dos Búzios, a história que não contaram na escola, a história que meu avô não contou a meu pai, a história que meu pai não me contou”.

Então esta sessão serve exatamente para dar ainda mais visibilidade ao trabalho dessas pessoas que estão sentadas ao meu lado e de vocês que estão aí: militantes do movimento negro, militantes do enfrentamento ao racismo, ao machismo, ao sexismo, à LGBTfobia, militantes na promoção da igualdade, da inclusão da juventude. Tudo isso que é tão atual!

Desde 2016, quando tivemos uma ruptura democrática e enfrentamos o autoritarismo, estamos enfrentando a tirania, o retrocesso, o conservadorismo, a diminuição de recursos para a cultura, a extinção de órgãos, como o de Promoção da Igualdade, como a Secretaria de Políticas para as Mulheres, que perderam suas características ministeriais. Também estamos enfrentando restrição de direitos trabalhistas. Enfim, estamos enfrentando ameaças a tudo aquilo que nós conquistamos com sangue desses heróis.

Porque aqueles ideais que orientaram Lucas Dantas, João de Deus, Luiz Gonzaga, Manoel Faustino, ideais de igualdade e de liberdade devem ser aqueles que ainda nos inspiram, devem ser aqueles que nos pautam para nós fazermos a nossa Revolta dos Búzios do século XXI.

Porque vivemos, sim, um momento em que precisamos desses nossos heróis. Heróis muitas vezes esquecidos nas escolas até por conta, talvez, dos tantos nomes dessa revolta. Conversava há pouco com alguns dos membros desta Mesa e dizia que Revolta dos Búzios é o nome que historicamente deve ser unificado nos livros das nossas escolas. Mas nós temos outros nomes, como Revolução dos Alfaiates, Conjuração Baiana.

Revolta dos Búzios é enigmático. Não sei se vocês conhecem a história de como se deu a Revolta dos Búzios. Não vou ler aqui em virtude do tempo que gastaríamos, como também porque sei que parte dos membros desta Mesa falarão um pouco dessa história. Mas quero dar como lido para os Anais desta Assembleia Legislativa todo esse discurso histórico que a gente estaria lendo aqui.

A primeira forma de comunicação, como diz o livro de Florisvaldo Matos, foi lançar avisos, boletins – os chamados “boletins sediciosos” por aqueles déspotas de então, da Colônia. Apesar de manuscritos, esses boletins são considerados os primeiros da imprensa baiana, já que naquela época não havia forma de fazê-los.

Eles são considerados os primeiros deputados baianos porque lutavam, sim, por democracia, com o espírito republicano e com ideais da Revolução Francesa. Eles merecem todo o nosso respeito e merecem ser exaltados.

Nós começamos esse trabalho aqui na Assembleia Legislativa por solicitação de João Jorge. Ao saudá-lo, João Jorge, quero inicialmente agradecer pelo quanto eu tenho aprendido com você, pelo quanto você tem me ensinado a reverenciar esses heróis, pela sugestão dos três projetos que você, de forma muito graciosa, eu diria, me brindou ser autora. Um deles já é lei, através de um projeto de resolução aprovado nesta Casa no final de 2016, que cria o Memorial Revolta dos Búzios na Assembleia Legislativa da Bahia.

Pretende-se criar, com essa lei, uma estrutura administrativa nesta Casa, no *foyer*, como espaço de celebração, visitação, registro, guarda de documentos, manuscritos e audiovisuais relativos a esse movimento, que foi o maior movimento social e político da Bahia, que culminou com os assassinatos dos nossos heróis. E eles não foram os únicos negros assassinados. Outros também foram enforcados e esquartejados e tiveram seus corpos expostos em praça pública, mostrando que não só quiseram matar os ideais de igualdade e liberdade, como também, absolutamente, buscaram vilipendiar qualquer memória que pudesse restar.

Mas nós estamos aqui e somos a memória daqueles ideais que custaram as vidas desses heróis. As nossas escolas, ainda que sejam escolas públicas de qualidade duvidosa, não contam as histórias que deveriam contar. Nós temos ainda os ideais de uma escola cujo ensino não fosse imposto pela Corte Portuguesa, cujo ensino não seja imposto pelo que vem lá em cima, cujo ensino não seja limitado na sua base nacional curricular.

Temos muitas lutas também na saúde para promover o acesso à população, sem escolher raça, gênero, que não é o que acontece. Temos ainda de promover a inclusão das mulheres através da defesa, através da representatividade, através da geração de autonomia para as mulheres com geração de emprego e renda.

Saudando você, secretária Julieta, quero parabenizá-la pelo seu trabalho; saudando você, secretária Fabya, quero dizer que eu admiro as duas e sei que as duas mais importantes, aliás, as três mais importantes secretarias do estado da Bahia, na minha opinião, são dirigidas por mulheres e mulheres negras. (Palmas) Negras porque assim somos todos; e mulheres porque são importantes esses segmentos: Arany Santana, na Cultura, Fabya, na Sepromi e Julieta, nas Políticas para Mulheres.

Enfim, neste momento, vivemos um obscurantismo político muito grande.

E eu até me esqueci de falar dos outros projetos. Quanto ao projeto do memorial, ele já está absolutamente aprovado por esta Casa pelo deputado e presidente Angelo Coronel, apenas demandando um projeto estruturante para ele poder ser feito. E a gente pede e conclama o apoio de todos desta comissão para que nós possamos, até novembro, já ter esse memorial aqui para visitação.

Há um outro projeto importante que ainda tramita. Trata-se da criação da Comenda da Liberdade que se chamará Revolta dos Búzios. Os critérios estabelecidos para a concessão dessa comenda são: cidadão baiano que, comprovadamente, tenha desenvolvido ações em prol da liberdade, justiça social e democracia em nosso estado. Eu acho esta uma comenda importante. Temos, apenas, três comendas aqui. E essa marca, também, uma comenda com o nome de Revolta dos Búzios, tudo no sentido de visibilizar a nossa história, pois estamos aqui para lembrá-la ainda mais quando se trata da história de luta contra tirania e a história de luta contra escravidão. Este é um dever de todos nós.

Queria também dizer que a nossa Assembleia Legislativa já reeditou e pretende reeditar, mais uma vez, um livro da Escola Olodum, que é a Revolta dos Búzios em quadrinhos, uma história de igualdade no Brasil, que acho que junto com outros materiais deve constar, e a gente deve dialogar com a Secretaria da educação e nós devemos insistir nisso, para fazer esses 220 anos um marco talvez de inclusão dos livros que exaltem a Revolta dos Búzios. E eu estava também propondo que a gente pudesse unificar em torno de um único nome, qual seja, a Revolta dos Búzios.

Enfim, gente, já passando a palavra para vocês e dando como lido o discurso para inclusão nos Anais, eu, apenas, gostaria de lembrá-los que a gente tem uma longa jornada nesses próximos 45 dias. E a gente precisa escolher muito bem quem vai nos representar.

Eu não estou aqui fazendo apologia ao meu próprio nome, estou fazendo, sim, um chamado ao voto consciente e um chamado ao voto de quem está do lado certo da história. Trata-se de um chamado que exalta os 220 anos e os nossos heróis da Revolta dos Búzios trazendo-os para o século XXI. É um chamado que possa nos unificar, nos unificar não mais tendo um búzio na lapela, que era o que identificava todos aqueles que lutavam por esses ideais. Talvez existam símbolos mais atuais que possam nos identificar a defender a igualdade e a promoção da justiça social. E eu tenho a impressão de que o símbolo seja esse.

Muito obrigada, gente. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Eu gostaria de convidar o coordenador da comissão dos 220 anos da Revolta dos Búzios, o Sr. Edvaldo Araújo, para fazer o uso da palavra, Zulu.

Com a palavra Edivaldo Zulu Araújo. (Palmas)

O Sr. EDVALDO ZULU ARAÚJO:- Boa tarde a todos e todas.

A deputada Fabíola Mansur resolveu, hoje, me chamar pelo apelido, né? (Risos) Pois é, ela está querendo me aportunuesar.

Em primeiro lugar, eu gostaria de saudar a deputada Fabíola Mansur pela iniciativa, pelo trabalho, pelo compromisso que ela tem tido com a cultura, com o desenvolvimento da nossa cultura e com a luta pela promoção da igualdade racial. Acho que a deputada é um exemplo muito claro para todos aqueles que militam na área dos direitos humanos, pois não é a cor da pele que constrói os nossos aliados. Não é a cor da pele que constrói a nossa consciência. Não é a cor da pele que nos faz compromissados com a luta pela igualdade.

Fabíola Mansur tem demonstrado, ao longo do seu mandato, compromisso com a luta negra, seguramente como, se tiver algum outro deputado que tenha feito o mesmo fez igual, não fez diferente disso, com certeza absoluta.

Então, eu me sinto à vontade, porque tenho acompanhado o trabalho dela. Ela também é conselheira do Conselho Estadual de Cultura; foi a única deputada que lutou, incessantemente, para a gente ter no orçamento de cultura, na última gestão, 1% para o orçamento da Cultura (palmas). Esta é uma luta nacional com o intuito de unificar todos os segmentos da cultura no Brasil, mas, infelizmente, a gente não alcançou ainda.

Então, parabéns, deputada. Espero que, nesta sua trajetória, continue perseverando neste caminho.

Quero também, aqui, saudar a secretária de Promoção de Políticas para as Mulheres, Julieta Palmeira, minha amiga e conhecida de longas datas. Ela disse que era bem novinha quando começou, mas eu a conheço há muito tempo! Imaginem só! Mas eu quero saudar assim mesmo! A gente esteve, recentemente, em Mucugê, em uma festa literária importante e interessantíssima. E ela é outra dessas companheiras que têm estado na trincheira com a gente, ela liderou, está liderando a defesa da presença de Conceição Evaristo, a nossa escritora Conceição Evaristo, como membro da Academia Brasileira de Letras, e merece uma salva de palmas. (Palmas)

Quero, também, saudar a minha querida amiga e secretária Fabya Reis, da Promoção da Igualdade Racial, a nossa caçulinha, pelo trabalho que vem desenvolvendo na Sepromi e, evidentemente, pelo compromisso que tem com a luta no nosso estado e no nosso país.

Saúdo a representante da Defensoria Pública. Acho que é a única que eu não conheço assim pessoalmente, pois, também, ela é bem jovem, Eva Rodrigues. Não é parente de João Jorge Rodrigues, não é?

Saúdo, ao final, o nosso decano, o nosso mais velho aqui, João Jorge dos Santos Rodrigues, pois eu o conheço desde o século passado. Então não preciso dizer mais nada além disso.

Eu gostaria de saudar algumas pessoas que estão aqui na plateia, porque elas também têm contribuído, têm participado na luta em defesa da igualdade no nosso país, no desenvolvimento da nossa cultura, mas, sobretudo, no combate ao racismo, que é algo extremamente grave e que, lamentavelmente, tem sido retomado com uma força nunca vista neste país. A representação que nós temos hoje, política, do atraso,

do fascismo e da brutalidade tem se ancorado, tem se estruturado em torno do racismo, seja contra os quilombolas, seja contra os indígenas e seja contra nós que somos afrodescendentes. Então, essas pessoas, no meu entendimento, representam a corporificação dessa luta.

Está aqui Marcelo Gentil (palmas), vice-presidente do Grupo Cultural Olodum, ali com seu chapéu panamá bem caracterizado. Está aqui também um dos grandes artistas da nossa terra: Lazinho (palmas), cantor do Olodum. Está aqui Dody Só, hoje, com dupla representação. (Palmas) Ele, também, aqui representa Beto Falcão (risos), Djalminha, mas é um ator que tem dado uma contribuição enorme para o teatro brasileiro, para o teatro e para o cinema brasileiro. Não estou brincando com essa coisa do Djalminha, mas ele já tem estrada, por exemplo, com Canudos, Tita Lopes, Edvaldo Lopes também, não vou falar mais nada além disso, mas que é também... Ainda é diretor do Olodum, você? Ah, é conselheiro do Olodum, já está na idade disso mesmo. (Risos).

E há a nossa jovem guarda, pois Rafael Manga (palmas) que tem dado, também, uma contribuição enorme. Tem um cidadão que sempre tem estado presente nas nossas caminhadas, na nossa luta, que se intitula Adailton Poesia. Mas, hoje eu descobri que ele é Adailton 'Trova', porque ele já tem um tempão fazendo belíssimas músicas dos blocos afros da nossa terra.

Eu não vou falar muito não. Eu quero, na verdade, aqui, em nome da Secretaria de Cultura, em nome da Fundação Pedro Calmon...

Estou vendo aqui também o representante do Arquivo Público do Estado da Bahia. Ele está ali sentadinho e é a pessoa que tem o acervo do nosso trabalho. É para encerrar, já?

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Não, companheiro, ao contrário. Estou perguntando se vai ser o cerimonialista ao citar todas as pessoas. Mas, se você quiser, a gente dá as fichas para você.

O Sr. EDVALDO ZULU ARAÚJO:- (Risos) É o que dá! Manda os velhinhos virem para frente primeiro, dá nisso.

Quero saudar também o Rafiq, da Biblioteca Virtual Consuelo Pondé da Fundação Pedro Calmon, pois ele tem colocado esse material da Revolta dos Búzios à disposição.

Bom, na verdade, quase sempre que a gente trata da Revolta dos Búzios, a gente lembra, com justa razão, dos quatro mártires, daqueles que foram sacrificados e brutalmente assassinados. São eles: João de Deus, Luis Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas e Manoel Faustino.

Mas é importante, nesta data em que a gente está aqui celebrando esses 220 anos na Assembleia Legislativa, lembrar que a punição foi mais ampla, ou seja, o castigo foi mais amplo. A marca da crueldade foi mais ampla. Na verdade, nós tivemos 33 homens punidos e 28 deles, sendo que alguns deles foram degredados para Fernando de Noronha, degredados para Angola, cumprindo pena de 10 a 5 anos.

Nós tivemos, também, aqueles escravizados que tiveram uma pena adicional de 500 chibatadas cada um. Ou seja, até na punição, havia estratificação social. Até no

exercício da dor e do sofrimento, aqueles, os escravizados, tinham uma dose maior para responder.

Desses condenados, 11 deles eram escravizados, 6 eram soldados da tropa paga, 5 eram alfaiates, 3 eram oficiais militares, 2 ourives, 1 pequeno comerciante, 1 professor, 1 cirurgião e 1 carpinteiro. Um deles, até hoje não explicado ainda, conseguiu fugir e, conseqüentemente também, tinha sido condenado à morte. Ao todo, perfaz esse número que eu dei aqui de 33 pessoas.

Mas eu não quero apenas, neste breve momento, falar sobre o passado. Eu acho que quanto a esse passado que a gente está celebrando aqui dos 220 anos, ele tem de nos remeter e ele tem de nos alertar para o presente em que a gente está vivendo.

Se não tivermos força, se não tivermos garra e se não tivermos muita luta, nós estamos próximos de ter um retrocesso no país semelhante ao que significou esse retrocesso de 220 anos atrás.

As forças do atraso, do lodo da nossa sociedade, estão se apresentando para o jogo. Eu tenho dito nas minhas falas de que é visível e a gente não pode cair nessa armadilha de imaginar que a representação do atraso é apenas uma questão emocional, apenas uma questão de caráter ou apenas uma questão de bom-mocismo ou mau-mocismo. Há verdadeiramente no nosso país um quantitativo de aproximadamente 1/3 da nossa população que acredita conscientemente no racismo e o defende; acredita conscientemente no autoritarismo e o defende; acredita conscientemente na homofobia e a defende; e mais do que isso: tem exercitado isso no nosso cotidiano.

Esse discurso de ódio está presente naquele absurdo que ocorreu em Roraima, em Pacaraima, semana passada. Está ali presente. A governadora daquele estado promoveu e estimulou aquela prática dantesca que fizeram com aqueles venezuelanos que estavam lá. E olha que curioso: tem mais brasileiro na Venezuela do que venezuelano no Brasil. Os dados estão aí.

Do mesmo modo que só este ódio explica que nós tenhamos no Brasil 60 mil mortos anualmente. E que desses 60 mil mortos 77% sejam de origem negra. E a maioria deles jovens. Aqui em nosso estado temos isso. Há uma chancela social disso. Há uma parcela da nossa sociedade que chancela isso, acredita nisso. E essa parcela da sociedade lamentavelmente temos em todos os escalões sociais. Está entre dirigentes políticos, está entre dirigentes empresariais, está nas forças de segurança, está nos pequenos comerciantes.

Hoje a expressão da votação, me reservo a não citar o nome, dos dados que dão em torno de 23, 25%, isso dá sabe quanto? Isso dá aproximadamente 40 milhões. Nós temos 40 milhões de pessoas que acreditam que a violência, que a negação da liberdade, a negação da cidadania são um caminho para este país. Não se derrota um contingente desse, senão com a política. Não se derrota um contingente desse, senão com a consciência. Não se derrota um contingente desse, senão com a unidade daqueles que acreditam na democracia, enquanto um elemento estratégico, elemento fundamental para o desenvolvimento do nosso país.

Então por isso que eu estou dizendo para vocês que o exemplo da Revolta dos Búzios, para nós, tem que se materializar nos dias de hoje, não no martírio. A gente precisa fazer com que a democracia, no dia 7 de outubro, seja vitoriosa no nosso país. Vitoriosa no nosso país. (Palmas) Nós temos que derrotar esse sinal de retrocesso que está apontando aí, com tanta força.

E por isso mesmo quero parabenizar, não apenas a deputada Fabíola Mansur, mas todos aqueles que estão aqui presentes.

Quero dar parabéns especial a uma entidade que, no meu entendimento, orgulha todo e qualquer negro neste país. Essa entidade chama-se Grupo Cultural Olodum. (Palmas)

Eu tive a honra de, durante alguns anos, ser dirigente do Grupo Cultural Olodum, na área da cultura. E, mais do que isso, eu tive a honra de vivenciar no Grupo Cultural Olodum esse compromisso indissociável de combate ao racismo, de luta pela igualdade e luta pela democracia.

Às vezes, nós no Movimento Negro esquecemos que a democracia é fundamental pra gente fazer avançar a nossa luta. E o Olodum sempre teve isso como um elemento presente na sua luta. Do mesmo modo, sempre esteve presente na luta do Olodum o princípio de que a nossa luta é contra o racismo e não contra cor da pele das pessoas. E isso é que faz do Olodum, aos 40 anos que estará fazendo agora, muito menos do que o seu presidente evidentemente... Nesses 40 anos do Olodum a gente poder celebrá-lo com tanto vigor. E é importante a gente dizer isso. Há ainda um certo ranço no nosso movimento de não reconhecer no nosso igual o talento, o brilho e as iniciativas. É importante dizer aqui hoje. Isso aí está sendo gravado e sei que é para entrar para a história.

A entidade, a primeira instituição popular da Bahia que levantou a Revolta dos Búzios enquanto tema para ser discutido pela comunidade negra chama-se Grupo Cultural Olodum. E quem estava à frente disso chama-se João Jorge dos Santos Rodrigues. Eu estou dizendo algo que eu vi e vivi.

Então negar, esconder, esse papel que o Olodum e o João Jorge tiveram nessa trajetória de fazer com que essas quatro figuras se transformassem em heróis nacionais, da gente estar aqui hoje, do livro que será lançado amanhã, da comissão que existe para lançar o livro pelo Arquivo Público do Estado da Bahia, do colóquio que nós vamos fazer no final do ano, enfim, de ter um filme... Tudo isso que hoje nós estamos celebrando teve um início, teve uma iniciativa e teve a perseverança do Grupo Cultural Olodum que, no meu entendimento, prova que sisudez não é sinônimo de seriedade.

Toca a zabumba que a terra é nossa!

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Querido Zulu, eu queria aproveitar, já que estamos com muita propriedade exaltando o Olodum, e convidar Kátia Melo, que chegou agora, pedagoga, ex-coordenadora da Escola Olodum, para fazer parte da nossa Mesa. E queria aproveitar e exaltar, ela que está ali sentada, Tina

Rodrigues, que foi a primeira mulher presidente de um bloco afro na Bahia. (Palmas)
Cristina, que eu chamo de Tina.

Queria, enquanto Katinha chega aqui, terminar citando os outros presentes, aproveitando, já que Zulu... Sintam-se citados Dody, Lazinho, Marcelo. Mas eu queria registrar as presenças, também, da capitã Thais Trindade, coordenadora do Nafro-PM, muito importante; Cláudio Rodrigues, coordenador executivo da Sepromi; Erlon, assessor especial da Sepromi; Indiará Cristiane, do Olodum; Aílton, também da assessoria. Mas Aílton é de todos nós, Aílton Ferreira, um grande militante do movimento negro, um historiador, se sinta, também, parte dessa Mesa ampliada e com direito a fala, você e Elias Sampaio também; Cida Santos, diretora de finanças da SPM, e ele, que veio aqui representando a deputada Luiza Maia, que atualmente é secretária de Desenvolvimento Econômico da Bahia. Ele está aqui não como assessor da SDE. Ele está aqui, na verdade, para fazer uma apresentação para nós, recitando a música *Pelourinho, Cultura Africanizada*, de Germano Meneghel. Bem-vindo, Rafa Manga. Ele que também é prata da casa e do Olodum. A gente disputa ele.

O Sr. Rafa Manga:- *Nos bairros afetados*

Da nossa cidade

Só falta coragem

Se abre pra mim, que eu não sei

Nos fale a verdade

Foi o Pelourinho e a Preguiça

Também a Piedade

É a Revolta dos Búzios

Não é o fim do mundo

Tenha bondade

Negros sejam vocês

Meu Deus nos valei

Uma democracia, sem pancadaria

Sobre uma data marcante

São os escravos ambos estão cansados

É signifiante

Soldados, carpinas, pedreiros, sapateiros,

Os negros comerciantes

Que em mil setecentos e noventa e oito

Tão castigante

Entre dezesseis e vinte e cinco de agosto

Olodum relembra

Se faz presente uma nova República

Mudança importante

*Para obter um reinado
É preciso lutar
Com esforço e dinamismo
O Olodum vem saudar
(...)
Nasce uma nova Era
Um novo poder de criar
Alfaiates, argolas, búzios
Olodum relembrar
Cultura africanizada
Olodum Pelourinho,
Bahia, Salvador
Revolta dos Búzios,
No Brasil
(Palmas)*

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Valeu, Rafa, nossa juventude firme e forte em defesa da democracia.

Daqui a pouco vamos seguir registrando outras presenças.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Eu, agora, gostaria de convidar para fazer sua fala nossa defensora Eva, tão atuante em defesa dos baianos e baianas. E quero aproveitar para parabenizar a Defensoria Pública também no enfrentamento ao racismo, ao machismo, à lgbtfobia. E quão importante é saber que a Defensoria está lá para aqueles que mais precisam. Obrigada pela sua presença, Dr.^a Eva.

A Sr.^a EVA RODRIGUES:- Obrigada, deputada, por essa saudação. Quero saudar a todos e todas aqui presentes. Eu gostaria de cumprimentá-la, deputada, porque a gente conhece a sua luta, conhece o seu compromisso com os grupos minorizados. E estar aqui não é nenhuma surpresa para nós, a senhora como proponente dessa sessão especial de 200 Anos de Revolta dos Búzios e dessa necessidade de a gente não esquecer os nossos heróis. E em seu nome eu cumprimento todos os demais proponentes e componentes da Mesa.

O próprio nome da sessão especial e a fala de que a gente não pode esquecer os nossos heróis me remetem a algo que a Defensoria tem feito e a secretária Fabya conhece um pouco de perto, que é um projeto chamado Júri Simulado. O Júri Simulado é um projeto da Defensoria Pública que busca resgatar a história dos nossos antepassados e possibilitar a esses heróis, a essas pessoas, que tenham a possibilidade de passar por um novo julgamento.

E nós começamos essa série com a Luiza Mahin, que é uma ex-escrava, proveniente da África. Ela tem sua origem africana, radicada aqui no Brasil, uma importante liderança na Revolta dos Malês e na Sabinada. Seguimos no ano passado com o julgamento de Zumbi dos Palmares. E esse ano, deputada, a gente elegeu três personagens históricos, para que a gente pudesse tratar nesse júri simulado. Um deles

não é uma pessoa em si, mas seria a abolição da escravatura, que este ano completa 130 anos. E a ideia é a gente discutir se de fato houve essa abolição e em que termos se deu essa abolição de fato aqui no Brasil.

O outro personagem é o Cuíca de Santo Amaro, que foi nominado por Jorge Amado como o Trovador da Bahia e que é um reconhecido agitador social da época. E por fim a gente vai falar de Carlos Marighella, que foi uma importante resistência na ditadura aqui do Brasil. Então, enquanto instituição, nós estamos atentos a essa necessidade de dar voz, de dar nome e de visibilizar esses heróis, certamente como tem acontecido aqui com a Revolta dos Búzios.

Então, para a Defensoria, prestigiar eventos como esse é muito importante. E a gente tem a consciência de que a gente deve levar esses nomes nas nossas histórias, porque nós estamos aqui porque elas passaram antes de nós e foram elas que deram sentido à nossa caminhada, para que a gente consiga, inclusive, seguir, buscando efetivamente essa igualdade racial, essa igualdade... Não só a igualdade racial, mas aí a gente vai falar de todas as outras questões minoritárias. Então, eu parabeno a senhora por essa proposição e parabeno a todos que compuseram e que compõem essa história da Revolta dos Búzios.

Zulu, eu não sei se eu sou parente de João Jorge, mas eu também sou Eva dos Santos Rodrigues. Então, de repente, talvez, a gente tem algum parentesco nesse passado, meu cabelo sarará está aí, não deixa negar. Mas é isso, gente. Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Obrigada, Dr.^a Eva. Acho que se procurar achamos todos os parentescos, porque somos todos parentes na Bahia.

Queria, agora, aproveitar e convidar ela, que acabou de sentar à nossa Mesa, querida pedagoga e ex-coordenadora da Escola Olodum, para fazer a sua fala, Kátia Melo.

A Sr.^a KÁTIA MELO:- Boa tarde, minha gente; boa tarde, deputada Fabíola Mansur; boa tarde a todos os companheiros, amigos, meus colegas do Olodum, secretária Fabya, os compositores que eu estou vendo aqui, todos vocês, muito boa tarde. Fui mais uma vez pega de surpresa, me ligaram um dia antes para vir aqui falar da Revolta dos Búzios, uma coisa que a gente vivencia, a gente está em revolta sempre. Nós estamos a cada dia lutando para sobreviver, então não é tão difícil para mim falar disso. Mas aí eu comecei a pensar: o que é que eu vou dizer para aquelas pessoas em relação a um tema, a um momento tão importante?

Como o depoimento de Zulu aqui diz, desde a década de 80 a gente já vem trabalhando com essa questão. Lembro-me muito bem que fazíamos os cursos afro-brasileiros, convidávamos para nos ajudar e colaborar com a gente vários historiadores, e um deles, eu queria aqui pedir um aplauso especial, é o nosso querido amigo Antonio Jorge Godi, (palmas), que sempre foi o grande estudioso e colaborador nesse assunto, nos ajudou muito e vem nos ajudando.

O que me chama atenção nessa questão da Revolta dos Búzios é o trinômio liberdade-igualdade-fraternidade. A gente sabe que liberdade é tudo aquilo que a gente almeja para poder conseguir chegar à realização dos nossos sonhos, mas quanto mais liberdade, mais responsabilidade. E agora a gente está vivendo um momento em que a gente tem a liberdade de escolha, a liberdade e a decisão de continuar defendendo a democracia para poder continuar escolhendo porque estamos correndo o risco de perdermos essa liberdade. Então, para mim, essa palavra, “liberdade”, tem um valor imensurável, um valor que a gente tem que ter a capacidade de medir e de defender – a liberdade.

A igualdade é também... faz parte também desse trinômio porque nós queremos, e sempre quisemos, e continuamos querendo, a igualdade de oportunidades, a igualdade de direitos, e não a igualdade no sentido de sermos superiores ou inferiores a quem quer que seja. Então a igualdade, para nós, é, no sentido genérico da palavra, um momento, um estado de espírito, de oportunidades, no sentido político, social, educacional, que a gente precisa defender e perseguir.

Fraternidade. Quando a gente fala em fraternidade, tem pessoas que dizem: “Isso é coisa piegas, isso é coisa de gente de igreja”, mas a fraternidade significa consciência da unidade humana que formamos. Nós somos humanos, e o senso de humanidade está precisando de uma revisão, nós estamos cada vez mais bárbaros. (Palmas) A humanidade precisa ser resgatada, o senso de humanidade precisa ser resgatado. Eu não estou trazendo receita de bolo, eu não estou trazendo nenhuma fala no sentido de moralizar, de dar moral a ninguém, mas estou trazendo um pensamento de uma mãe, de uma educadora e de uma pessoa que vem ao longo dos anos, com altos e baixos, participando de vários momentos políticos da nossa história.

O que me encanta e o que vejo é que mulheres como Cida, como Fabíola, como Lídice da Mata, como Aladilce e outras mulheres estão aí na luta esse tempo todo fazendo com que essa luta não pereça, para que a gente tenha sempre essa igualdade, para que a gente tenha possibilidade de ter essa possibilidade de fala, de fala e de construção, de ação dentro deste estado, um estado que ainda tem os resquícios machistas e sexistas, que, claro, não é diferente do país como um todo e do mundo. Estado que nega a uma senadora exemplar o direito de se recandidatar, a sua eleição. Não tenho dúvida de que temos que ter dentro desse tripé – liberdade-igualdade-fraternidade – a possibilidade de avaliar as nossas posturas, as nossas práticas.

Para mim, o que vale hoje é o trinômio educação-cultura-tecnologia. Nós estamos ainda naquele tripé igualdade-liberdade-fraternidade, mas precisamos alcançar a capacidade e a qualidade dentro do trinômio educação-cultura-tecnologia porque nossos meninos, nossos negros favelados, não podem competir, não podem ter igualdade dentro de uma escola que não tem tecnologia, dentro de uma escola onde ele não tem acesso a determinadas formas de inclusão.

Então precisamos ver, dentro dessa questão, o que fazer. Trago essa coisa aqui porque é uma Casa Legislativa, e vocês precisam, todos nós precisamos, mas principalmente os deputados, se debruçar sobre projetos que possam oportunizar às

nossas crianças uma educação de qualidade, uma educação que propicie a capacidade de sermos verdadeiramente iguais.

Para finalizar, quero dizer que é muito importante para mim, eu queria parabenizar a deputada Fabíola, mas eu queria saber se nós poderíamos – não sei como é que está essa coisa da placa que foi colocada aqui – incluir o nome das heroínas mulheres que participaram da Revolta dos Búzios, que são elas: Francisca de Araújo, Lucrécia Maria Kent, Ana Romana Lopes.

Essas foram as heroínas que ajudaram, que construíram, porque, minha gente, uma sociedade justa e igualitária é uma sociedade de homens e mulheres, é uma sociedade que contempla a diversidade, é uma sociedade que não pode fazer com que os heróis sejam colocados em destaque, e as mulheres que participaram com eles não estejam presentes.

Foi a partir dessa ajuda, a partir dessa colaboração, que o ato e o efeito também aconteceram. A Câmara federal acabou de colocar o nome de Dandara no livro dos heróis nacionais. Então nós precisamos ter essa capacidade também e a sensibilidade de introduzir o nome das mulheres que participaram desses eventos porque isso é referência, referência é autoestima, referência é buscar a possibilidade de crescimento, de trabalhar e perseguir cada vez mais uma sociedade mais justa e mais humana.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Grande educadora. Bacana!

Eu queria aproveitar esse discurso pela igualdade, que é promovida certamente através da educação, para a gente fazer aqui nesta Casa uma deferência ao escritor e professor Edivaldo Boaventura, que nos deixou ontem. (Palmas)

Ele, que enquanto secretário de Educação, conseguiu introduzir os estudos história e cultura africanas como matérias e também criou o centro de estudos afro-baianos, vinculado à Uneb.

Eu queria... como ontem ele nos deixou, e não houve sessão, eu queria formalmente pedir que a gente se levantasse e fizesse 1 minuto de silêncio em memória a um grande educador que se foi, cujo enterro está sendo agora.

Professor Edivaldo Boaventura, o senhor não será esquecido, também entra para os Anais como um dos nossos heróis baianos.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Bem! Em seguida à fala de Kátia, certamente falando das mulheres heroínas da Revolta dos Búzios cujos nomes também precisamos visibilizar, vamos chamar a nossa secretária de Políticas para as Mulheres, Julieta Palmeira. Você me representa, Julieta. Obrigada pela sua presença.

A Sr.^a JULIETA PALMEIRA:- Boa tarde, eu quero dizer que... saudar a iniciativa da deputada Fabíola Mansur, dizer que é uma honra estar aqui, a seu convite, para este momento tão relevante, que é o momento de resgatar e dar visibilidade à Revolta dos Búzios. É assim mesmo que deve ser chamada porque tem

muito a ver com a Bahia, tem muito a ver com a negritude, tem muito a ver com as pessoas que estavam sendo oprimidas naquele momento.

Queria agradecer à deputada Fabíola, que é uma deputada absolutamente comprometida com essa luta pela igualdade, pela equidade, contra o racismo e o machismo aqui em nosso estado.

Saudar a secretária, minha querida colega Fabya Reis, secretária da Promoção da Igualdade, que tem feito uma das mais representativas ações de gestão na luta contra o racismo estrutural, contra as desigualdades em nosso estado.

Queria saudar uma pessoa especial com quem recentemente estive discutindo exatamente sobre a devassa da Revolta dos Búzios quando o visitei na sede do Olodum, João Jorge Rodrigues. Chamou-me a atenção o interesse de estudar, de se inteirar dos detalhes da Revolta dos Búzios, muito mais do que o emblema da igualdade, da luta contra o racismo, mas o que movia e como se deu efetivamente aquela revolta.

Num livro, dos poucos que tem lá... Eu, por sinal, já pleiteio aí, viu, Zulu! E aproveito para saudar também esse belíssimo discurso que fez aqui e dizer a você que eu o conheci com 17 anos. Eu não sei quantos anos você tinha, eu entrei na Escola de Medicina com 17 anos e posso provar isso, e ele já estava lá na Escola de Arquitetura há algum tempo.

Então quero dizer a vocês que é muito importante isso que está sendo feito aqui, a Assembleia merece registrar isso. Queria fazer essa minha saudação, em primeiro lugar, a João Jorge Rodrigues e ao Olodum como um todo, porque, sem dúvida alguma, tem sido marcante essa caminhada que o Olodum faz todo ano – neste ano não fez, ele, inclusive, me falou isso – em relação à celebração desses ideais e da luta dessas pessoas.

Dizer que eu quero saudar também a Eva Rodrigues, que é uma pessoa que temos sempre ao nosso lado enquanto defensora pública. Hoje ela também representa aqui o nosso defensor, mas tem sido efetivamente uma presença marcante nessa luta por igualdade, e a Kátia, que também fez aqui um belíssimo discurso, do qual eu gostei muito, resgatando, inclusive, a ação de mulheres aqui presentes, inclusive mulheres que hoje atuam na Secretaria de Política para as Mulheres.

Mas essa honra que eu tenho aqui, saudando também todos os presentes, me diz o seguinte: que nós estamos aqui hoje fazendo um marco para dar visibilidade a esses heróis, porque são heróis. Mas essa revolta, ela precisar ser mais visibilizada em nosso país, assim como foi a Inconfidência Mineira, nós temos a Revolta dos Búzios, que representou com muito mais força os ideais de igualdade.

E que bom que nós temos os boletins sediciosos que chamam a atenção da Bahia para a igualdade, para a liberdade, para os escravos e escravas porque nós somos parte desses ideais, que são ideais de insurgência. Eu gosto muito do termo “boletins sediciosos”, já que João Jorge é hoje um estudioso da questão, porque representa isso... Eu estava ali folheando o livro do Florisvaldo Mattos, roubando de Fabíola ali um momentinho do livro, e ele exatamente levanta essa questão do pioneirismo dessa comunicação que se apresentou na Revolta dos Búzios.

Esses boletins são representativos exatamente de boletins insurgentes, de boletins de ideias que questionavam a ordem, que questionavam a ordem estabelecida, que se insurgiam contra a opressão. Acho que é muito simbólico, muito rico que a gente tenha uma conjuração baiana, que nós tenhamos esses heróis que foram heróis não somente discriminados na pena. Eu li também nessa devassa no livro lá de João Jorge, que é um dos que tem os quatro exemplares, que eles foram condenados à “morte natural” na forca. E por acaso forca é morte natural? É o que está escrito lá no livro da devassa, o que nos mostra como eram vistas com naturalidade penas desse porte, ainda mais injustas, porque não foram somente condenados à forca, eles foram esquartejados, e suas cabeças foram colocadas em vários pontos. E quem não tinha moradia conhecida foi colocado, acho que foi no Campo da Pólvora que foi colocado, se não me engano. Isso aqui é porque eu já li há bastante tempo.

Então, por que esses heróis lutavam? Por quais ideias esses heróis lutavam? Por quais ideias essas mulheres, que há uma grande controvérsia em relação à participação dessas mulheres na Revolta dos Búzios, que nós temos que buscar estudar e pesquisar mais sobre a participação feminina na Revolta de Búzios, ao invés de naturalizar apenas que eram mulheres que tinham relações afetivas com os insurgentes, ou que eram mulheres dos insurgentes, ou que eram mulheres que os apoiavam de modo geral.

Algumas delas, como diz o Instituto Búzios, sofreram, e aqui nesse boletim do Olodum, ao serem torturadas para divulgar o nome dos participantes, elas se mantiveram firmes diante dessa tortura. E quando a pessoa é torturada e se mantém firme, não tem mais do que atitude digna, atitude valente, atitude firme do que exatamente resistir à tortura em nome de ideais que representa. Somente ideais podem dar essa sustentação às pessoas.

Da mesma maneira, pelo fato de uma ser mulher de João de Deus, acho que era João de Deus, não quer dizer que ela era só a mulher de João de Deus, não quer dizer que ela não compartilhava com dessas ideias.

Então alguns historiadores levantam exatamente que essas mulheres participavam, efetivamente, enquanto ideias da Revolta dos Búzios não foram condenadas à forca, nem foram esquartejadas, mas lutaram a seu modo. Lutaram na condição que elas estavam à época e inclusive na condição em que a mulher se encontrava há quase dois séculos e meio atrás, porque nós temos 220 anos da Revolta dos Búzios.

Então eu queria dizer que essa é uma demanda que fica, exatamente, de se pesquisar e dar mais visibilidade às mulheres, como Vicência, que era uma mulher negra já alforriada, e outras mulheres que foram citadas aqui por Katia, que são histórias que não foram visibilizadas.

Eu acabei de vir da *Fligê* e sei muito bem o que isso significa, são histórias que não são contadas, são histórias que não chegam até nós, tanto dos heróis hoje que a gente busca reconhecer, como de mulheres batalhadoras, guerreiras, que estão no cotidiano e que não tem expressa a sua luta na literatura, nos jornais, em qualquer

lugar, porque o protagonismo feminino é, efetivamente, oculto, porque o papel da mulher ainda é um papel de subalternidade diante do machismo que vinga em nosso país do patriarcado.

Então eu queria dizer a vocês, encerrar para dizer, que são os ideais da Revolta dos Búzios que nos trazem aqui, é a celebração aos heróis reais da luta brasileira que nos traz aqui e nos traz aqui também a luta para que a gente possa superar esse obscurantismo que reina em nosso país hoje onde se fortalecem os laços do sistema de desigualdade que une desigualdade de classe, que une desigualdade de raça, o racismo, e que une a desigualdade de gênero, o machismo, o patriarcado.

É esse sistema que junto promove hoje, por exemplo, a mulher negra como a mulher em maior situação de vulnerabilidade e de opressão nesse país. É exatamente a desigualdade social, é exatamente o racismo e o machismo juntos que promovem essa condição à mulher negra. E nada mais justo do que aqui hoje seja lembrada a sua resistência, o seu protagonismo de muitas mulheres que estão aqui inclusive na Mesa, como a minha colega Fabya Reis e a Katia, que eu acho que representam as mulheres aqui presentes.

Muito obrigada e vamos nessa luta por liberdade, que é uma luta por dois séculos e meio quase e que continua uma luta atual em nosso Brasil de hoje para que a gente possa viver um Brasil de brasileiras e de brasileiros.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Obrigada, Julieta, que certamente nos representa.

Quero, aproveitando este momento de exaltação histórica, e de evocação desses ideais, eu iria fazer a leitura de um dos avisos ao povo bahiense, mas considerando o nosso grande ator Dody Só, sua presença, eu queria que ele nos brindasse com a leitura desse aviso ao povo bahiense, na sua versão mais atualizada.

O Sr. DODY SÓ:-Boa tarde.

Ó vós homens cidadãos, ó vós povos curvados e abandonados pelo rei, pelos seus ministros.

Ó vós povos que estais para serdes livres e para gozardes dos bons efeitos da liberdade; ó vós povos que viveis flageladas com o pleno poder do indigno coroado, esse mesmo rei que vós criastes; esse mesmo rei tirano é quem se firma no trono para vos vexar, para vos roubar e para vos maltratar.

Homens, o tempo é chegado para a nossa ressurreição, sim, para ressuscitardes do abismo da escravidão, para levantardes a Sagrada Bandeira da Liberdade.

A liberdade consiste no estado feliz, no estado livre do abatimento; a liberdade é a doçura da vida, o descanso do homem com igual paralelo de uns para os outros. Finalmente, a liberdade é o repouso e bem-aventurança do mundo.

A França está cada vez mais exaltada, a Alemanha já lhe dobrou o joelho. Castela só aspira a sua aliança. Roma já vive anexa, o Pontífice já está abandonado e

desterrado; o rei da Prússia está preso pelo seu próprio povo; as nações do mundo, todas têm seus olhos fixos na França, a liberdade é agradável para vós defenderdes a vossa liberdade, odia da nossa revolução, da nossa liberdade e da nossa felicidade está para chegar.”

Animai-vos! Animai-vos povos bahiense! Animai-vos que sereis felizes para sempre! (Palmas)

Salve Fabíola! Muito obrigado por esta sessão especial.

(Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Dody recebe as saudações. A leitura desse aviso de forma maravilhosa.

Eu queria registrar as presenças de Valmir França, coordenador da negritude combativa; de Adelson Santos, do Restaurante Ponto Vidal; de Adriano Chaves; de Sérgio Lobo Lima, psicólogo; de Marcelo Pinto, diretor do CEPAE da Uneb; de GilMário Marques, músico do Olodum; de Juce Santana, assessora da Setre; de Elsimar da Boa Morte, do Arquivo Público do Estado da Bahia, foram esses os nomes que chegaram aqui pra registro, mas quero, já, registrar a presença de Maia, nossa historiadora, recém-formada, prazer revê-la! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Para ouvirmos a fala da nossa secretária de Promoção da Igualdade, representando o nosso governador Rui Costa, ela que é uma militante que também me representa, só podíamos ter como entrada Dody Só e o aviso ao povo bahiense. Foi pra você, secretária Fabya Reis, muito obrigada pela sua presença.

(Palmas)

A Sr.^a FABYA REIS:- Boa tarde a todas, boa tarde a todos!

Sem dúvida nenhuma é2 uma honra nesse dia histórico nesta sessão especial. Quero, de partida, trazer aqui os cumprimentos do governador, a deputada Fabíola Mansur e a toda essa bancada e a todos e todas presentes aqui, fazendo referência à solenidade que marca um dos episódios históricos, da nossa história baiana e brasileira, num processo revolucionário, na sessão, portanto, de 220 anos de Revolta dos Búzios.

Quero abraçar esta Mesa, também, fazendo essa referência porque hoje, quem nos antecedeu aqui, o nosso querido Zulu, nosso decano, e que ficou na disputa da idade da Mesa, que sempre traz elementos a serem desvendados, aprofundados sobre essa história, especificamente da Revolta dos Búzios. Cumprimentando-o, Zulu, acho que no desafio da nossa comissão conseguimos dar essa visibilidade e esse compromisso institucional para dentro do governo, do que tem sido uma bandeira histórica desse reconhecimento do Olodum, do bloco afro, do movimento negro Baiano.

Então, eu o saúdo, o cumprimento nessa Mesa, assim como também abraço a nossa querida defensora pública, dando um abraço ao Dr. Clérison, que tem sido um parceiro, tanto na rede de combate ao racismo, no estado da Bahia, como também no

desdobramento das ações do Agosto da Igualdade, do próprio Novembro Negro, visibilizando esses episódios históricos.

Esse ano nós estamos em todas as atividades dando destaque e trazendo dimensões sobre o que foram os nossos 130 anos de abolição inacabada, assim como a potência e todas as nuances para essa disputa histórica de memória, nós estamos falando ali sobre disputas de poder, de narrativas, para dizer quem pode e quem não pode. Portanto, eu quero cumprimentar a Defensoria, por ser essa parceira também nessa trincheira.

Abraçar a nossa querida colega de governo, a quem tenho muita honra por trabalhar junto. O nosso desafio, Julieta, dessa transversalidade, que já poderia estar impregnada como diretriz naturalizada, mas é sempre um desafio do convencimento da qualificação dessa política. E que a sua ação junto conosco, tanto em julho, das Mulheres Negras, como agora no Agosto da Igualdade, com edição trazendo nossas jovens meninas para tratar, no Agosto da Igualdade, justamente de uma temática sobre a Revolta dos Búzios... Para a gente, isso é fundamental.

E a nossa queridíssima professora Kátia Melo, que nos desafia a romper perspectivas dessa história, incorporando os conectivos do que foram aqueles referenciais para os desafios tão contemporâneos. Quero lhe abraçar, porque a sua fala é uma fala de contexto, carregada dessa ancestralidade, carregada desses ensinamentos. Espero que a gente possa transcender hoje e propor as rupturas e a elaboração coletiva de novos paradigmas, paradigmas de igualdade de gênero, de raça e, sobretudo, de respeito e resgate da nossa humanidade; como você, melhor do que eu, descreveu aqui para todos nós e nos convocou para essa reflexão.

Quero abraçar de maneira muito especial... e nós falávamos ali sobre o nosso querido João Jorge, o nosso presidente do Olodum, encerrar essa sessão, por causa da sua paixão pela Revolta dos Búzios. É uma paixão contextualizada, do ponto de vista socio-histórico de quem compreende esse marco civilizatório, os condenados naquela praça – não só à morte –, mas os condenados que foram esquecidos. A lição que podemos dar, a cada vez, é de que nós não deixaremos essa história ser esquecida. A cada vez que nós recuperamos essa história, estamos dando indicativo do quanto nós podemos ser transformadores nesse mundo. Portanto, através das canções, da sua inquietação em nos instigar... e para isso vai propagando e convocando a todos, criando essa grande frente.

Portanto, João Jorge, quero lhe dizer que, a cada vez, aprendo muito com as suas provocações, os seus estímulos para que a gente possa cavar essa história e conectar também com momento das conjunturas atuais, convidando todos nós a desafios.

Portanto, já nas nossas primeiras conversas, quando secretária, falávamos sobre a Revolta dos Búzios, e eu disse: “Ora, no nosso Novembro Negro, pela potência que é, precisamos sempre ter um grande marco nesse dia.” E com essa celebração, nós edificamos e assumimos esse compromisso de que a abertura do Novembro Negro, do estado da Bahia, esteja vinculado ao dia 8 para recuperar e celebrar os nossos heróis daquele contexto.

Assim como, do ponto de vista da nossa iniciativa de adensar o Agosto da Igualdade... Então, em nosso edital sobre a Década Internacional de Afrodescendente, nós nos ocupamos para que, em todas as ações realizadas pelos editais ou diretamente pela Ceprome, o conteúdo histórico que costura essas histórias, atualizando nas atividades que a gente faz, tenha os 220 anos da Revolta dos Búzios – neste caso, este ano –, mas também os heróis da Revolta dos Búzios.

Com todos os desafios, os desafios apontados aqui tanto na fala da professora Cátia como também da nossa secretária Julieta, sobre quais são os segredos, o que a gente ainda pode desvendar sobre a participação dessas mulheres. Não podemos criar fatos para dar o colorido que nós gostaríamos. Mas, sem dúvida nenhuma, há questões sobre a vida dessas mulheres que podem nos ensinar muito para os processos históricos da luta das mulheres negras que nós estamos vivendo aqui. (Palmas)

Portanto, a gente acha um exercício, deputada Fabíola Mansur, pertinente, e ainda que não seja para dar uma simetria de que foi mais importante ou menos importante, elas figuraram aquele momento histórico que, portanto, é pedagógico. Porque, se nós estamos construindo disputas e narrativas, é fundamental também dizer que uma mulher que é torturada... e que mais do que uma consciência apenas de coragem, numa atitude política, não delata os seus, e isso precisa ser visibilizado. Porque em tempos de traição, em tempos de delação, a atitude política de não delatar os seus, ela merece, sim, também ser visibilizada nesse processo histórico.

Então, eu defendo que, a cada vez que a gente for fazer uma pesquisa, a gente possa também buscar e ir desvelando. Eu quero cumprimentar o nosso cineasta Antonio Olavo. Foram 13 anos de pesquisa densa do que nós temos de fragmentos nos livros, nos manifestos, para nos brindar com um filme que traz poesia, a linguagem daquele momento revolucionário, a insurgência, a coragem e os ensinamentos para o exercício da liberdade. E nós abrimos, tivemos lá, também compartilhando no mês de agosto, esse grande momento.

E das nossas ações, sejam no interior, através dos editais, nas feiras, na Feira do Sagrado... E aí, queremos também trazer a dimensão simbólica do processo do que foi a história de todos os integrantes, nas suas narrativas envolvendo o nosso povo afro-brasileiro, com sua religiosidade, com a sua fé também, que acho que é uma dimensão que talvez precisasse também estar descrita na abordagem sobre a Revolta dos Búzios.

Então, eu não me autorizo, por exemplo, a partir dos fragmentos que já chegam e que já nos dá uma convicção da potência dessa história, mas acho que nós chegamos a todas as possibilidades de pesquisa e ao esgotamento do que foi esse fenômeno e esse momento para a história da Bahia e do Brasil.

Então, na última ação que eu gostaria de destacar, como prolongamento dessa luta, é que tivemos também no Teatro Vila Velha, a partir dessa ação de edital, jovens dos Alagados e de Plataforma, João Jorge, se debruçaram a essa pesquisa e fizeram uma retratação. Eles puderam entender o que representa a morte da juventude negra, os desafios que estão nos escombros da violência, fazer os seus conectivos e se

inspirar. Porque o que quiseram naquele momento foi dizer: “Vocês não farão, serão subalternizados, serão destituídos de direito.” Na leitura que esses jovens se atualizam sobre a Revolta dos Búzios, eles sabem que podem muito, que podem contestar a estrutura racista, que é global, mas que alcança historicamente as instituições.

Eles me emocionaram quando fizeram as suas leituras e atualizaram essa história. Então, também tem sido essa a contribuição institucional para que a gente possa, para dentro, dar essa visibilidade; e na política pública, incentivar políticas que possam, efetivamente, referenciar histórias que foram protagonizadas por homens e mulheres negras. Nós queremos também disputar as narrativas que contam os episódios nacionais. Assim como o nosso compromisso em, cada vez mais, construir essa grande rede.

Quero, nessa grande rede, dizer que gostaria, sim, deputada Fabíola Mansur, de ter nesta Casa, não obstante o período de corridas pelas sensibilizações, outras representações parlamentares. Porque os projetos de lei que nos auxiliam, nos apoiam para fazer a política pública precisam também estar aqui no compromisso dos parlamentares. Porque nós estamos falando de algo que foi preconizado e, naquele momento, dito pela Revolta dos Búzios: a estruturação de uma democracia efetiva. E uma democracia efetiva no Brasil, já dizia Zumbi dos Palmares e todos os nossos heróis de Revolta dos Búzios, ela só se fará neste país a partir do acerto de contas da estrutura do racismo que edificou a escravidão e implantou as desigualdades. Hoje, precisamos ter, sim, ministérios, ter cota, secretaria e precisamos ter lei como a 10.639; e a 11.645, sobre o estudo dos povos originários, para que possamos repactuar e reposicionar, portanto, os nossos desafios contemporâneos.

Então, eu o cumprimento pela coragem, pela postura de manter a sessão neste período. E dizer que é muito importante a sua ação parceira de reconhecer conosco, inclusive aportando a emenda para os quilombolas, uma leitura atualizada. Agradeço-lhe aqui, de público, essa ação e essa parceria, assim como a cumprimento por ter sido a autora dos projetos, aqui, que fazem a conferência do memorial de Revolta dos Búzios e, também, propõe ao tema a comenda de liberdade de Revolta dos Búzios. Saúdo-o por esses projetos que estão na Casa, e que eu acho que precisam propagar.

Porque assim como nós tomamos uma decisão de fazer a abertura do novembro, no dia 8, para referenciar os nossos heróis e heroínas, nós gostaríamos de ver feriado. Como é um projeto da senhora, quero a cumprimentar pelo dia 8 de novembro no estado Bahia.

Encerrando, eu quero, mais uma vez, dizer que estamos nesta quadra de valorização, numa militância diuturna e numa vigilância sobre os processos democráticos que, hoje, nós acompanhamos. João Jorge esteve comigo também no STF, que foi justamente um ataque ao direito das religiões afro-brasileiras, dos povos de terreiro, em conferir e insinuar nos projetos, reproduzindo o racismo institucional, que as religiões afro-brasileiras são responsáveis pela crueldade aos animais. E nós estávamos lá, o povo negro, colocando-se nessa resistência.

Quero aproveitar esta tribuna para também ficarmos vigilantes. Hoje eu não sei se todos aqui sabem sobre o Decreto nº 6.040, que foi do ex-presidente Lula e versa sobre a política de povos e comunidades tradicionais no Brasil, estrutura e confere o princípio também da Convenção nº 169 da OIT, o princípio da declaração, reconhecido pelo Decreto nº 6.040, para construir a política nacional dos povos. Foi um decreto do ex-presidente Lula, e hoje já tem, a pedido do Conselho Agropecuário Nacional Brasileiro, um pedido de revogação desse decreto. Significa tirar de fato da pauta, que a gente já sabe em termos de recurso, em termos de status, mas seria deslegitimar o que tem sido a luta do conjunto dos povos tradicionais brasileiros.

Portanto, estejamos atentos e atentas, porque precisamos evocar o nosso espírito revolucionário, as mensagens da Revolta dos Búzios, para que a gente possa se defender. E, sobre esse processo agora de renovação e de reautorização de processos de quem nos representa nos espaços, quero dizer que representatividade negra importa, sim. E, mais do que tudo, nós precisamos defender um projeto de democracia que inclua a maioria da população brasileira, que são os negros e negras deste país e os povos tradicionais.

Portanto, “animai-vos, povo bahiense.”

Parabéns a todos por esta sessão. Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Secretária, essa evocação nos dá ânimo. E eu preciso, em função da sua última frase, evocando a representatividade de negros e negras dessa luta democrática que precisamos cada vez mais fortalecer, eu não poso deixar de quebrar o protocolo. Antes de chamar o nosso João Jorge, não só registrar a presença, como convidar, para já fazer a sua fala, ele, que acabou de chegar, mas que também representa a luta do povo negro nesta Bahia e que representa a luta pela democracia, pelo enfrentamento a tantas outras lutas, que me representa, que hoje é candidato a deputado federal, nosso grande vereador Sílvio Humberto, presidente da Comissão de Cultura de Salvador, na Bahia sou eu. Aliás, o PSB está bem com a cultura, não é? Cultura no município com Sílvio Humberto, e a gente aqui.

Sílvio, seja bem-vindo. Ele, que é um herói, graças a Deus, muito bem vivo e contemporâneo dessas lutas e precisa ser também aqui exaltado.

Sílvio, querido, bem-vindo.

O Sr. SÍLVIO HUMBERTO:- Boa tarde a todos.

Quero cumprimentar a todos por esta sessão memorável. Eu cheguei atrasado porque estava em outro compromisso na Câmara de Vereadores com o nosso Valdemar Oliveira. Hoje ele está demarcando o dia 26 de agosto, que é o dia de enfrentamento ao homicídio e a impunidade contra adolescente e jovens. Então, essa grande figura à frente e defensor dos direitos humanos, Valdemar Oliveira, estava lá antes. Então, eu aproveito, aqui, para cumprimentar a Mesa na pessoa dessa grande deputada, dessa construtora de pontes entre mundos que, às vezes, não querem conversar. Então, V. Ex.^a trazer esse tema da Revolta dos Búzios, que João Jorge e

outros tantos cantaram em versos e prosas. Se Lázinho não cantou, mais adiante gostaria de ouvi-lo, porque sua voz imortalizou para sempre para que jamais sejam esquecidos esses nossos heróis. E você conseguiu fazer isso com muita maestria com a música, com o seu jeito, com a sua voz, que é um ícone da música brasileira, porque restringir à Bahia é muito pouco. Então, assim eu cumprimento Kátia, João, Dra. Fabya, Dra. Julieta, Dr. Zulu, Dra. Eva. E, Kátia, de fato é muito bom vê-la aqui numa Mesa, voltando a compartilhar entre nós.

Ao falar da Revolta dos Búzios, eu digo que esses 220 anos, para a gente, essa ideia da continuidade, imagine se lutar por liberdade, igualdade, fraternidade há 220 anos, em pleno vigor da odiosa escravidão, e você conseguir pensar algo tão generoso, você sendo “subalternizado”, entre aspas.

O filme também de Olavo nos mostra isso, como bem a secretária Fabya traduziu aqui, que é essa ideia de que mesmo assim nós estávamos ali para construir essa ponte. E eu tive a oportunidade de conhecer um representante do Haiti, que eu não sei se esteve a conversar com você. Em 1791, sete anos antes, o Haiti se colocou em pé contra a escravidão e derrotou os exércitos do poderoso Napoleão. E o Haiti paga por isso até os nossos dias. E a forma como ele entra falando sobre isso, essa necessidade, a importância do 14 de agosto. Assim como nós temos a importância do 20 de novembro, que nós construímos, eles construíram o 14 de agosto. Então, essa possibilidade de fazer essas pontes. E, quando ele estava falando sobre isso, o que me chamou a atenção foi como ele ficou emocionado com o quanto que nós conhecíamos da história do Haiti e a contribuição decisiva que deu o exército. Porque, às vezes, as pessoas pensam o exército do Haiti como um exército... Ele falava assim: “Nós não éramos um exército de conquistadores, e sim um exército de libertadores.” E foi com isso que o Haiti veio contribuir. Sete anos depois desse famoso perigo da haitização, você vem com a Revolta dos Búzios.

E o que é para a gente pensar sobre essa Revolta dos Búzios em nossos dias, decorridos 220 anos? Ainda estamos a lutar por liberdade – Lula está ali, está lá, Lula livre, um ícone também –; por fraternidade, ou seja, muito mais amor entre nós, e a lutar por igualdade. Uma igualdade que venha de fato para valer, porque quando eu vejo os números das desigualdades, os números dessa máquina de moer gente que envolve, sobretudo, a nossa juventude, são 62 mil homicídios, 70% são de jovens, jovens negros.

E quando você observa o contraponto disso, que é a importância que têm os talentos juvenis... E aí eu volto para minha organização, que são 26 anos oportunizando que esses talentos floresçam. E nós temos esses números. Não só o Steve Biko, o Olodum, a Escola Criativa, o Projeto Axé, o Cria, só para ficar nesses aqui. E você observa o quanto nós perdemos de talentos diariamente. Eu estava hoje pensando o que é que fariam aqueles que não podem ser esquecidos nestes nossos dias, porque a proposta era que eles estariam banidos para todo o sempre. Só que não combinaram conosco que nós voltaríamos, que voltaríamos de várias formas. Eles foram os quatro; mas nós voltamos, enquanto mulheres, enquanto homens, dispostos a dar continuidade a essa luta.

E eu me vejo em cada um que está aqui, que aqui está, que tem construído, que tem feito essa história da igualdade para valer. E como nós avançamos bastante não só na retórica, não só na ocupação de espaço. E eu acho que é por isso que nós temos sido tão combatidos. Não era só nos barrar pela pobreza, agora é eliminação física. Da eliminação física do futuro, no presente, quando essa juventude nossa tem sido eliminada.

Assim, eu ouvi hoje de uma jovem lá no Cedeca, Zulu: “A eliminação não é só a bala, não é só o gatilho”. Eliminação é quando você não tem uma educação pública de qualidade, quando essa juventude não é ouvida, quando a cultura não recebe os recursos suficientes para entender o seu potencial criativo, mas antes de tudo de manter a dignidade humana, de garantir essa dignidade. Porque certamente as pessoas imbuídas de mais cultura, sabendo o potencial que se tem, Fabíola, a exemplo da cultura do hip-hop... Eu tenho visto que não precisa de muito. Essa quantidade enorme de saraus espalhados somente na cidade de Salvador, que ali estão gerando trabalho, gerando renda, mas acima de tudo preservando a dignidade humana. É algo nós já fazemos.

Então, lutar para não ser esquecido, manter o ideal da Revolta dos Búzios. Quando você pensa no memorial, quando você pensa numa série de elementos que podem gerar trabalho e renda, preservando a memória, são possibilidades infinitas. Às vezes a gente fica pensando só no modelo do macrodesenvolvimento, do desenvolvimento que vai pensar as coisas, mas o melhor, e eu insisto nisso, o melhor investimento que nós temos que fazer são nas pessoas, em gente. Investir em gente quando você preserva a memória, quando você resgata a memória, isso é investir nas pessoas. E investir na juventude na medida que a juventude se reconheça, que a juventude perceba o quanto ela importa, o quanto ela faz diferença...

Eu vejo isso, eu sonho com o dia, de fato, assim como eles pensaram, aquele dia em que seremos todos irmãos, seremos todos iguais. Eu sonho com um dia em que o dia 26, que o Cedeca tem demarcado, desapareça, porque ele é primo-irmão e é consequência do 14 de maio, que não acabou, que é os 220 anos de Búzios, que, de fato, não se concretizou em termos de liberdade, em termos de igualdade e de fraternidade. E o nosso país perde muito, o nosso estado perde muito, a nossa cidade perde muito porque isso não se efetivou, e este país não vai dar esse salto qualitativo.

Imagine se tivesse dado certo, se além do Haiti fosse o Brasil. Dizem que o mundo não é feito de se, é isso que se tem que dizer. Se o elefante voasse, a história seria outra, não é? Mas imagine o salto civilizatório, onde estaríamos se a gente não precisasse ainda estar voltando a falar dos 220 anos daqueles que foram esquartejados, pendurados, e, até então, estavam totalmente... estavam vivos nas nossas memórias!

Isso aqui eu quero louvar, João, essa capacidade que tem... aí, a gente tem que dizer: isso tem pai e mãe, chama-se Movimento Negro. A força do Movimento Negro de manter viva (palmas) essa nossa memória, porque fomos nós que fizemos isso, fomos nós que terminamos de impor isso, essa agenda política. E esse é o momento de lutar por liberdade, igualdade e fraternidade, tem a ver diretamente com as escolhas políticas que nós vamos fazer.

De fato, o Búzios que eles nos simbolizaram há 220 anos, o Búzios agora é o nosso voto, é o voto, é a nossa capacidade de fazer outras escolhas para que, de fato, a liberdade, a igualdade e a fraternidade não sejam só sonho de uma noite de verão, sejam, de fato, uma realidade.

E é isso que a gente tem que fazer, esse exemplo, Fabíola, de que a gente acredita, que é continuar um se importando com o outro para poder que, de fato, a fraternidade aconteça. É isso que eu acredito, eu sei que é isso que você acredita, que João, Fabya, permitam-me chamar pelos nomes, Julieta, Zulu e Eva acreditam, porque nós temos os nossos títulos, mas o que nós somos é gente que se importa com gente, assim como aqueles heróis de Búzios.

Muito obrigado! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Com certeza que esse voto virá em gente como você!

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Bem, agora, terminando a sessão... invertamos todo o cerimonial, merecidamente, João Jorge, não só pelo que você representa como cidadão revolucionário que nos provoca, que nos instiga, como Fabya dizia, mas porque também está sempre pautando esta Casa a abrigar as lutas democráticas de promoção da igualdade, e isso é muito importante ressaltar.

Você tem a palavra agora, João Jorge, que preside o maior grupo cultural, que, certamente, levou nos seus primórdios, à luta pela exaltação dos nossos heróis baianos.

Então, eu queria te convidar a fazer – você não vai encerrar, porque teremos Lazinho, que vai encerrar a sessão – a sua fala, professor João Jorge, amigo João Jorge, presidente do grupo cultural Olodum, que, certamente, levou nos seus primórdios a luta pela exaltação dos nossos heróis baianos.

Então, eu queria te convidar a fazer – você não vai encerrar, porque teremos Lazinho, que vai encerrar a sessão – a sua fala, professor João Jorge, amigo João Jorge, presidente do grupo cultural Olodum.

O Sr. JOÃO JORGE:- Boa tarde a todos e todas.

Quero saudar um conjunto de pessoas. Iniciar saudando a deputada Fabíola Mansur, a quem nós, do Olodum, pedimos nesta Casa três pequenos programas... memorial para os primeiros parlamentares deste país, os parlamentares da Revolta dos Búzios.

Criar uma comenda com o nome da Revolta dos Búzios para homenagear e celebrar pessoas, homens e mulheres, que lutam pela igualdade.

Por fim, um feriado estadual no dia 8 de novembro em homenagem àqueles que deram suas vidas por este país.

A deputada Fabíola Mansur recebeu essa missão e tem, nos últimos anos, desenvolvido isso junto com o Olodum, com a Comissão dos 220 anos da Revolta dos Búzios, com algumas secretarias, com alguns blocos. É uma missão árdua e

muito difícil. Quero saudar Kátia de Mello, Fabya, a secretária Julieta, o companheiro Zulu Araújo, o companheiro Sílvio Humberto e a jovem Eva Rodrigues, que estão aqui na mesa.

Quero saudar Joselita Santana, Vitória Cristina, Cristina Rodrigues. Quero saudar as várias mulheres que, a partir de 83, deram força, trabalharam, atuaram no Olodum para que revelássemos a história da Revolta dos Búzios. Foi no mandato da primeira presidente mulher de um bloco afro no mundo, Cristina Rodrigues (palmas), que nós tivemos a liberdade de transformar a história da Revolta dos Búzios, ainda uma história da academia, chamada de conjuração baiana, inconfidência baiana, revolta dos argolinhas e etc., e uma força popular. Quero saudar os moradores do Maciel Pelourinho, abandonados, desprezados (palmas), sofridos, lutadores e combatentes, mas que, ao mesmo tempo, nos anos 80, foram a seiva, o sangue e a alma do Olodum para essa revolução silenciosa que nós estamos trazendo.

Quero saudar os cantores, os compositores, a percussão do Olodum, porque Germano e Ademário, junto com Neguinho do Samba, com mestre Zoião, com Mestre Neneu, com Mestre Jackson, Lazinho e Nego, pegaram e deram a essa cidade uma história musical baseada na igualdade de soldados e alfaiates. Quero saudar também os alfaiates que nós convidamos – eu, Lazinho, Euzébio e Nego – para serem homenageados, a partir de 84. Eles eram importantes descendentes dos dois alfaiates.

Quero saudar, aqui, a oficial Tainá, da corporação da Polícia Militar, a qual se originou a partir das histórias de Manoel Faustino e de Luiz Gonzaga, os soldados mortos e esquartejados pela própria polícia da Bahia na época, pela própria polícia brasileira na época, por lutarem por ideais.

Mas não quero falar muito mais sobre a Revolta dos Búzios, de 1798, porque a minha missão, quando saí de um bloco afro, era falar sobre isso. Eu e Sérgio Roberto não pudemos falar sobre a Revolta dos Búzios. Aquilo parecia estranho, difícil, complicado: “Como é isso? O bloco afro tem tema africano, vamos falar de Ruanda, vamos falar de Zimbábue, vamos falar de Camarões.” Falar da Bahia, de homens e mulheres da Bahia, falar de gente que teve um protagonismo político-ideológico era um absurdo em 83. Fomos nós, uma geração de mulheres e homens do Olodum, que produzimos esse conhecimento.

Ele estava na academia, sim. Eu quero saudar o professor Luiz Henrique Dias Tavares, o maior pesquisador dessa história que, reunido conosco, dizia: “Rênio Veneno parece com João de Deus; Lazinho parece com Fulano.” Ele estudou por 50 anos a Revolta dos Búzios. Ele foi a Portugal, foi à Holanda, foi à Inglaterra encontrar esses documentos na Maçonaria.

Quero saudar também Katia Mattoso, Florisvaldo Matos e a jovem professora paulista Patrícia Valim.

A Revolta dos Búzios para o Olodum é apenas uma passagem para o presente, para o futuro; é apenas um rio correndo para o mar; é um leite de rosas. Os búzios de que nós estamos falando seriam a moeda. Eu não conhecia essa história, descobri através de Antônio Victor Godi. Godi fez uma peça de teatro, com o Grupo Palmares Iñaron, e a ofereceu ao Movimento Negro Unificado. O movimento não se interessou

por isso em 1978, 79. E quando lá cheguei, aí, sim, muito jovem na época, vi os folhetos jogados pelo chão, de revolucionários falando contra o governador. Pensei: é disso que nós precisamos. Vi os lugares: Pelourinho, Preguiça, Piedade. “É disso que o Pelourinho precisa.”

Então, Godi foi o primeiro palestrante a falar sobre a Revolta dos Búzios nos cursos afro-brasileiros de 84; depois Joel Rufino, do Rio de Janeiro; depois o professor Luiz Henrique Dias Tavares. E aí, aos poucos, o que estava na academia como uma conjuração, uma inconfidência, uma tentativa de traição, nós radicalizamos. Nós, do Olodum, assumimos um nome, Revolta dos Búzios, e dissemos: foram pedreiros, carpinas, sapateiros. Os pequenos empreendedores de quem tanto se fala hoje foram revisitados em 1983, 84, 85.

Vamos parar com isso, porque em 1798 todos esses personagens eram empreendedores. Havia uma tenda de João de Deus na Rua Chile. Ele era um negociante, era um comerciante, tinha uma tenda de alfaiataria e se autointitulava o homem mais bonito da cidade de Salvador, o homem mais elegante da cidade de Salvador, dizia isso aos clientes brancos dele. Se vestia à francesa. O que era se vestir à francesa em 1798? Era o símbolo da elegância, era o símbolo da possibilidade de você, além de ser belo esteticamente, ser também belo na vestimenta.

Fomos nós que contamos a participação de mulheres. Os nomes das mulheres que estão aí fomos nós que publicamos, demos vida. Mais do que dar vida, botamos em um *banner* Lucrécia, Anna Romana, todas essas mulheres, mesmo sabendo que os historiadores iam dizer que elas eram apenas mulheres amantes e parceiras desses personagens.

Através de Pestana, com a cartilha ainda feita em 2007, com Zulu à frente da Fundação Palmares que os nomes dessas mulheres apareceram. Não cabe ao Olodum esconder a história, mas também cabe ao Olodum respeitar a história. Se foi mulher ou homem, negro ou branco, nós vamos dizer quem fez, nossa principal parceira nesta Assembleia é uma mulher não negra, Fabíola Mansur. (Palmas)

Numa Casa que tem 63 deputados, nós tivemos o mesmo trato político grande da Revolta aos Búzios. Nós falamos da igualdade, mas não falamos da cor da pele, nós falamos da liberdade como uma coisa profunda e a ideia de fraternidade que a Revolta dos Búzios tinha e que nós temos é negócio. A proposta era abrir os portos de Salvador e da Bahia para o mundo. O Brasil só comercializava com duas nações: Portugal, de forma subjugada, e com a Inglaterra. Mas o rei do Benin esteve aqui propondo negócios, vários países do mundo queriam negociar com o Brasil.

Então, a Bahia pobre de 1798 se repete, economista Sílvio Humberto, nos dias de hoje. A cidade de Salvador com 60 mil pessoas tinha pobreza, desigualdade, violência, fome e falta de saneamento básico. Eu fui a Itaparica, esses dias, e de lá vi uma cidade rica e uma cidade pobre, 1798 não terminou. Cabe a nós terminarmos a revolução. A revolução, a chegada ao poder, a decisão pelos votos. Na traição de 1798, 667 pessoas participaram do plano, deram seus nomes para o partido, o partido da liberdade e da igualdade. Na hora da prisão, aqueles que podiam pagaram advogado para sair da punição, mas os senhores de escravos liberaram seus escravos,

os padres liberaram os padres através da igreja, a maçonaria se organizou para liberar a maioria. E quem pagou aquela conta? Os quatro homens negros enforcados.

Ainda hoje nós pagamos essa conta quando a sociedade baiana de 2018 consegue pensar em ter um governo sem mulher, consegue pensar em ter um governo sem negros, porque a Revolta dos Búzios é a revolta das contradições da Bahia e do Brasil. Em 2018 as eleições que vem por aí são eleições de contradições, porque nós imaginamos que 518 anos depois uma mulher não pode ser senadora na Bahia, uma mulher não pode ser governadora, um homem negro ou uma mulher negra não pode sair numa chapa majoritária. Senhores, é preciso fazer de novo a Revolta dos Búzios. (Palmas)

É obvio, fica patente que a minha história mudou com a Revolta dos Búzios. (O orador se emociona) (Palmas) Eu sempre penso no que o Olodum vai deixar para as pessoas, eu sempre penso no que vou dar para os meus filhos. O que eu herdei? Eu herdei os ideais da Revolta dos Búzios. Eu não tenho nenhum parentesco com nenhum dos quatro enforcados diretamente. Mas ao conhecer essa história eu pensei em meu pai, em minha tia Constância, em minha tia Margarida, em meus quatro irmãos, na cidade de São Gonçalo dos Campos, nos quatro filhos que eu tenho, nos dois netos que eu tenho e em que legado deixar. Tem gente que gosta de deixar riqueza material, mas é preciso deixar um legado, como recebi de João de Deus, Lucas Dantas, Manoel Faustino e Luiz Gonzaga.

Eles não desistiram, eles não foram super-homens, eles não eram napoleões negros como se pensou de Zumbi dos Palmares: másculo, grande, gigante, um combatente da zona urbana. Eles travaram a luta em Salvador, a princesinha do sul dos portugueses, a cidade mais rica do Atlântico Sul, capaz de ter no Terreiro de Jesus cinco igrejas, uma de ouro e outra de prata da exploração da escravidão africana. Zulu ter ido à África, muitos que estão aqui têm ido à África. Em nenhum lugar do mundo o drama dessa escravidão é tão visível como em Salvador, chamada por Mãe Aninha de alma negra. Porque a escravidão dos meus antepassados, dos nossos antepassados criou uma Bahia dividida, onde é incapaz de partidos progressistas pensarem na população negra no poder, na Câmara de Vereadores, como deputados federais ou no Senado.

Aliás, as mulheres negras e não negras são vítimas desse modelo de 1798 que está aqui, que sobrevive aqui. Ora, nós passamos a dizer a nossa história! Foi isso que nós fizemos em 83, 84 e 85 e recentemente quando Bida, Marquinhos e Lazineiro fizeram a música *O Elo*. A Revolta dos Búzios é o elo entre o passado, o presente e o futuro. É a história de vocês, é a história da gente, é a história que nós teremos, senão nós não teremos história.

Não se trata de tirar um herói branco e botar um herói negro, não se trata de um herói homem, uma heroína mulher, não, se trata de fatos, e fatos que têm uma cadeia de acontecimentos. Se hoje a heroína aqui é Fabíola, é Katia, é Fabya, é Julieta, é Eva, amanhã pode ser Pedro ou Paulo! O que importa é o que você faz para entrar para a história.

O Olodum não é o primeiro bloco afro, mas com a Revolta dos Búzios nós entramos para a história. Quando se juntar 1798 com 1984, e essas mulheres que eu citei aqui, que nem estão mais no Olodum, a grande maioria, nós vamos ver que há um elo umbilical de continuidade, que tem um lado espiritual, religioso, mas tem um lado também de revolução. A Revolta dos Búzios é revolução! Porque de dentro dos blocos afros a primeira pessoa baleada foi Eusébio Carlos Cardoso, em 1990, diante de seu filho. A segunda pessoa baleada foi Gilmário Márcio que está ali, de camisa branca, também no Pelourinho. Lazinho teve os braços quebrados por fazer passeata contra a violência policial. E a pessoa assassinada foi Joselito Alves Barbosa, em 1994, depois de um ensaio, percussionista do Olodum, de Joelho. E a pergunta: Por quê? Você é do Olodum! Você tem que morrer! (O orador se emociona) Quem matou foi preso. E as portas do carro foram abertas para dar fuga, porque matou alguém negro, pobre e do Pelourinho.

Nós falamos hoje de genocídio, mas esquecem das quatro pessoas do Olodum baleadas. Nós falamos hoje de genocídio, mas esquecem que o Estado Brasileiro, a Bahia e Portugal mataram João de Deus, Lucas Dantas, Manoel Faustino e Luiz Gonzaga! E se nós nos respeitássemos, eles seriam heróis, como é Tiradentes, como são os revolucionários da Queda da Bastilha, mas nós não nos respeitamos. Nós não temos sido capazes o suficiente de colocar os nomes deles numa estação de metrô. E temos lá: Flamboyant, Trobogy, Estação do Detran. Nós não temos a coragem de fazer da Praça da Piedade um memorial à igualdade, um memorial à liberdade. A praça continua abandonada, porque os heróis que estão ali são nossos heróis. Vamos lá agora para ver como está, o chão, ver lá os nomes no chão, ver as placas como estão, a bandeira, que já foi trocada duas vezes, nós inspiramos o governo para colocar. Apareçam e não se escondam. Ora, 220 anos de uma história dessa! Numa cidade que tem 68 blocos afros, 2 mil terreiros de candomblé, 2 mil grupos de capoeira, era para estarmos aqui ululando de prazer e de emoção por essa história.

Não é uma história africana, Zulu. Não é a história do Egito ou de Gana ou da Nigéria ou do mundo nagô ou do povo bantu, não. É a história construída aqui dentro, nós somos protagonistas da democracia no Brasil, os mais antigos protagonistas dessa história. Os primeiros panfletos, boletins e avisos do movimento popular brasileiro foram escritos por nossa gente quando não tinha escola. A punição de Luiz Gonzaga foi cortar as mãos dele, porque ele era o autor dos avisos. Os quatro foram esquartejados, mas para Luiz Gonzaga, a rainha louca de Portugal, uma mulher, D. Maria I deu a pena mais gritante: cortar as mãos dele para servir de exemplo. Não havia escola em 1798, não havia Biblioteca Central. Os dois alcoses da Revolta dos Búzios são nomes de ruas em Salvador: a Estrada da Rainha e a Avenida D. João VI. A ordem do dia 5 de novembro, que chegou em Salvador foi: eles precisam morrer, eles têm que ser exemplo.

E nós os homenageamos com nomes de rua. Em Cachoeira e Santo Amaro não há homenagens a Manoel Faustino e a João de Deus, ele não os reconhece. E eles são os únicos heróis nacionais de Cachoeira e Santo Amaro.

Vou terminar dizendo o que a sentença final deles dizia... a devassa é um boletim de ocorrência, é o B.O. atual, foi a transcrição de um ano de inquérito e de

conversa com cada um deles, que está no Arquivo Público da Bahia e todos nós podemos ir lá visitar. Há agora quatro desses livros, dois estão conosco no Olodum graças a Deus e dois estão com Zulu, mas vão ser publicados este ano ainda. Nos dois livros tem os depoimentos de todos: “Era assim, era acolá, com calçolão foram presos, com as argolas e tudo.”

Benção final... E, aí, os advogados que estão aqui deveriam conhecer esse documento jurídico do Direito penal brasileiro, termina dizendo: “Eles devem ser mortos, esquartejado... mas têm que ser esquecidos para sempre.” O crime de lesa-majestade de primeira grandeza. O de Tiradentes foi de terceira grandeza, os netos já não eram mais infames. Os quatro: João de Deus. Lucas Dantas, Manoel Faustino e Luiz Gonzaga, infames para sempre. Casa salgada, derrubada, colocados em praça pública os pedaços para ninguém esquecer. E mais, termina dizendo assim: “(...) para que no futuro no Brasil não haja um governo democrático e igualitário”. A sentença final é essa, e Sabino Silva assina e Costa Pinto também assina. Esses nomes nos lembram alguma coisa? Nome de rua? Nome de museu? Assassinos são homenageados nesta terra!

Então, nos 220 anos, esta Casa, a Assembleia, tem uma responsabilidade ainda maior: trocar esses nomes, dos criminosos. Nós fizemos isso com Zumbi dos Palmares, quando chegamos na Serra da Barriga o herói era Domingos Jorge Velho, e foi essa geração que vejo aqui que foi lá e disse: epa! Esse é o assassino! Esse é o matador de pessoas! (palmas)

É óbvio que eu falo com emoção sobre isso: a Revolta dos Búzios, sobre o Egito, sobre a Etiópia, sobre o Pan-africanismo, sobre as mulheres egípcias que são heroínas do mundo inteiro e não vistas como tal, Isis, Nefertite e Nefertari, por quê? Eu não tenho o direito ao ato de ser covarde, eu não tenho direito a me esconder, porque a frase da Revolta dos Búzios era essa: Apareça, não se esconda! Agora tem gente, aqui, dizendo, mostre o público aí – não vai lotar de gente negra aqui não? A comunidade negra tem medo, a comunidade branca tem medo, todos têm medo da Revolta dos Búzios, não têm medo de nada mais. A gente fala da Revolta dos Malês, fala que é embolando, fala que é isso e aquilo, agora, quando fala da Revolta dos Búzios é sempre um pé atrás.

Esse menino, Olavo, levou 13 anos para fazer o filme, mas o Lui, ali, e essa daqui sabe que nós estamos há 20 anos falando em fazer um filme sobre a Revolta dos Búzios, um filme que terminasse com a juventude negra nas ruas dizendo- eu quero viver! O filme não pode só falar daquele período, tem que terminar nos dias de hoje e tem que mostrar o Dique do Tororó com 10 mil pessoas, como nós fizemos. Tem que mostrar a passeata do ano passado que a secretária Fabya estava, 10 mil pessoas na rua celebrando uma história que deveria ser escondida.

Senhores, história é simbolismo! História é poder, e poder se exerce no simbólico, na forma que você se apresenta de paletó e gravata, já estive aqui falando da Revolta dos Búzios de paletó e gravata. Na Universidade Católica, enquanto eu e Sílvio Humberto e alguns poucos negros eram os negros da Católica, criamos lá o Grupo Negro da UCSal, todo mundo achava estranho um estudante de Direito com

contas do candomblé. E quando minha mãe morreu, muita gente não sabia que minha mãe tinha um terreiro de candomblé!

Ora, eu sou um homem de fé! Como eram os quatro heróis, como eram as mulheres daquele período: tinham fé na igualdade, na liberdade, na revolução.

O representante do Haiti ficou impressionado, secretária Julieta, como um livro e a condenação que ele viu aqui: pareceu a condenação que os franceses fizeram para o Haiti. O Haiti ficou independente, fez a revolução, derrotou a terceira frota de Napoleão, a frota estacionada no Caribe, mas a praga foi – nunca o Haiti vai ser uma nação economicamente. Ainda hoje todo o mundo ocidental bloqueia o Haiti, porque o Haiti fez a primeira república negra – o Egito era império, Gana era império, Angola era império, agora, o Haiti é um péssimo exemplo?

O Olodum tem que ser um péssimo exemplo? O Olodum vai resistindo! O Pelourinho tem que ficar resistindo! É o lugar que as elites brasileira querem acabar, que as elites baianas querem acabar – é de ACM, é não sei o que, é o lugar que não tem apoio para nada e é o centro, é o útero dessa nação desigual e profunda.

Mas, por que tem que se acabar o Pelourinho? Porque é lá que foram colocados os avisos, foi lá que esses personagens viveram, como nós subimos e descemos a ladeira sonhando com um mundo melhor. É lá que nossa gente é baleada ainda hoje, é lá que o estado não reconhece o Brasil moderno. O Olodum é o Brasil moderno, cosmopolita, agressivo, criativo, empreendedor, músculos, lentes, cabeças, sangue, almas desta cidade e a cada ano dificuldade para ir para o Carnaval, e a cada momento dificuldade para fazer qualquer coisa. Mais do que isso, não é só o Olodum, é a cultura popular, é a cultura.

Então, assim, a Revolta dos Búzios hoje está aqui, eles estão parceiros aqui batendo palmas, a cultura ganhou. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Viva! O grito pela igualdade nunca seria igual, João Jorge, sem você e o rufar dos tambores do Olodum.

Viva João Jorge! Viva o Olodum! Viva a igualdade!

É verdade, 1798 não terminou, mas eles esqueceram de contar que os heróis, esses, não só não seriam esquecidos, como nós que estamos aqui, todos os heróis, heroínas, contemporâneos que ainda acreditam e se comprometem com gente e com essas lutas populares e democráticas pela igualdade, pela liberdade e fraternidade, nós estamos aqui, nós vamos resistir.

Eu quero terminar esta sessão com ele, Lazinho do Olodum, celebrando esse momento, que ao mesmo tempo de memória, de inspiração, de reconhecimento, mas de desafio à novas lutas. Animai-vos, realmente, povo baiano, chegará o dia onde todos seremos iguais. Esse dia pode ser 7 de outubro, esse dia será todas as vezes que a gente quiser nossa Bahia, nosso Brasil, mais justo e igual.

Com vocês Lazinho, querido.

O Sr. LAZINHO DO OLODUM:- Eu vou aguentar, mas foi muito sofrimento para a gente chegar até aqui. Eu lembro que eu, o finado Petronílio e Nelson Mendes, Nelson Mendes é professor, ele sabia onde estavam guardadas as

histórias e eu e o finado fomos lá, pegamos os documentos para tirar xerox e depois botamos o original lá e aí começou essa batalha. Nós conseguimos, João Jorge, por incrível que pareça nós conseguimos. É mais fácil eu ir falar da Revolta dos Búzios do que antes, mesmo sabendo que ainda é preciso adiantar, seguir em frente, porque a luta não para aqui, a luta continua e acho que o dia que a gente parar de resistir, realmente a gente não tem nenhum direito de estar aqui. Então, a gente tem que continuar resistindo. (Palmas)

Mas, vou tentar cantar aqui uma música.

(Procede-se à apresentação musical.)

(Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Viva a Revolta dos Búzios!
Viva a Bahia! Viva o Brasil!

(Palmas)

Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.